DIARIO DA MANHÃ

N.º 2:032 | ASSIGNATURA EM LISBOA. Mez, 300 réis; trimestre, 900 réis. PROVINCIAS. Trimestre, 1$125 rs.; semestre, 2$250 rs.; anno 4$500 rs. Pagamento adiantado. Numero avulso 10 réis. | LISBOA—DOMINGO 7 DE MAIO DE 1882 | PUBLICAÇÕES. No corpo do jornal, 40 réis a linha; na secção dos annuncios, 20 réis. A correspondencia dirigida ao administrador do *Diario da Manhã*, Rua Formosa, 79. | 8.º ANNO

O MARQUEZ DE POMBAL

O *Diario da Manhã*, que se imprime, segundo todas as probabilidades, na propria casa onde viu pela primeira vez a luz do dia o grande estadista, cujo centenario amanhã se celebra, não podia deixar de prestar a sua homenagem a esse vulto immortal que renovou completamente a physionomia da sociedade portugueza, e que fez pela Reforma uma grande parte da obra vastissima que em França só a Revolução pôde emprehender. Encontrou a sociedade portugueza chegada ao ultimo grau de aviltamento, entregou-a aos que lhe succederam com a consciencia da sua dignidade. Recebeu de D. João V o Portugal do padre Antonio dos Reis e do marquez de Valença, e do conde da Ericeira, o Portugal da Academia dos Generosos, e da Academia dos Humildes e Ignorantes, e da dos Singulares, o Portugal das frivolidades e subtilezas theologicas, e preparou pelas suas reformas o Portugal de Brotero, de Alexandre Rodrigues Ferreira, de Domingos Antonio de Sequeira, de Marcos Portugal, de João Pedro Ribeiro e de Bocage. Vinte annos antes d'elle subir ao poder a Inquisição queimava o grande poeta comico Antonio José, vinte annos depois d'elle deixar o poder já a Inquisição não ousava punir as impiedades de Bocage senão com uma reclusão no mosteiro de S. Bento, em companhia dos doutos religiosos d'essa ordem. Recebeu das mãos de D. João V e dos braços convulsos do terremoto a Lisboa immunda e a Lisboa arrazada, e legou a D. Maria I a Lisboa monumental. A este novo Augusto é certo que de quando em quando podia alguem dizer como Mecenas ao imperador romano: *Surge carnifex!* mas se esse terrivel luctador foi cruel, foi implacavel, se penetrou na floresta intrincada e obscura da sociedade portugueza de machado em punho, e se, ao decepar sem piedade arvores e plantas humildes e inoffensivas, salpicou de sangue os seus braços herculeos, seremos nós que aproveitamos com a immensa luz que elle fez ao desbravar o solo da patria, os que lhe devemos lançar em rosto as suas violencias? Citem-nos um só nome de luctador na historia que soubesse sempre perdoar, citem-nos um só d'esses luctadores formidaveis que saisse puro e sem manchas de sangue innocente d'essas batalhas terriveis? Na balança da eterna justiça a Posteridade como a Providencia deve pesar as virtudes e os crimes, os beneficios e as crueldades, e n'essa operação a que todos os grandes vultos da historia se devem sujeitar, podemos dizer, nós portuguezes, nós Lisbonenses, nós filhos d'esta boa terra em cujo proveito elle trabalhou incessantemente, que pesa mais o mal do que o bem? Ah! não! Seria uma injustiça tremenda! Reformar, ou antes revolucionar completamente uma sociedade profundamente subvertida n'um abysmo de trevas, conservando as mãos puras de sangue, ninguem o fez senão o Christo, e por isso tambem, perante essa excepção sublime, a humanidade absorta fez da sua cruz um altar, e do seu vulto um Deus!

—

O marquez de Pombal, como todos os homens verdadeiramente grandes, era a expressão mais completa e mais perfeita do seu tempo. As suas qualidades e os seus defeitos foram as qualidades e os defeitos da sua epoca.

MARQUEZ DE POMBAL

A sua concepção do Estado foi depois a concepção revolucionaria. O *Contracto social*, que veio a ser o Evangelho da Revolução, presentiu-o o marquez de Pombal. A unica differença foi que o marquez, ministro despotico de um rei de direito divino, deu ao Estado uma forma palpavel e tangivel, consubstanciou-o no vulto magestatico do rei; mas essa idéa absorvente do Estado foi a idéa dominante do marquez de Pombal, como foi depois tambem a idéa dominante da Revolução, como fôra a idéa querida de Rousseau. A igualdade foi o seu dogma, por isso equiparou os christãos-novos aos christãos velhos em Portugal, os gentios aos portuguezes na India, os indios aos brancos no Brazil, por isso deu a liberdade aos escravos que pozessem o pé no terreno da metropole. O Estado, segundo a doutrina do marquez de Pombal, determinava as culturas, creava as industrias, arregimentava o commercio, fazia-se arruamentos nas cidades e os arruamentos na organisação financeira e economica, dava a estes o commercio do Pará e do Maranhão, áquelles o de Pernambuco e da Parahyba, a outros o dos vinhos do Douro, como agrupava os ourives n'uma rua, e os correeiros n'outra, e os algibebes em terceira. A educação quem a dá é o Estado, como no *Emilio* de Rousseau. Os livros que se hão de ler quem os censura é o Estado e mais ninguem. E, admittida esta doutrina, que é a doutrina da Revolução franceza, e reconhecidos os seus muitos inconvenientes, é admiravel vêr o modo como elle desempenha essa enorme tarefa de reformador, sobre quem pesam todas as responsabilidades: como elle secularisa a sociedade portugueza expulsando brutalmente os jesuitas, perseguindo-os até ao estrangeiro, até Roma, arrancando-os energicamente do sólo; como elle organisa a instrucção nacional, creando a instrucção primaria, lançando as bases da secundaria, abrindo de subito a instrucção superior á immensa luz da sciencia do seu tempo; como elle monta magnificamente a industria, dando-lhe um desenvolvimento a que nunca mais attingiu; como elle chegou quasi a crear uma Igreja nacional, uma igreja lusitana, de facto independente de Roma durante os annos de interrupção de relações com a curia; como elle passa por todas as cabeças que se erguem acima do nivel a sua vara ferrea de Tarquinio, como elle ressuscita uma cidade, como elle ressuscita um paiz, segundo um plano certo, segundo um systema, segundo um methodo rigoroso, como fez depois a Revolução, creando tambem uma França completamente nova, mas una e indivisivel, submettida a um jugo de ferro. A Revolução não foi a liberdade, a Revolução foi a dictadura reformadora, como o foi o marquez de Pombal, essa convenção consubstanciada n'um homem, curva sempre diante do rei—a concretação do Estado, como a Convenção se curvava depois diante d'essa mesma idéa abstracta, enunciada com um vigor extraordinario por esse propheta, esse vidente da Revolução que se chamou Jean-Jacques Rousseau.

E como elle é tudo, como é elle quem reforma, quem organisa, quem pensa por todos, não admitte ao seu lado nem mesmo aquelles cujas idéas abraça e applaude. O marquez de Pombal é, como os encyclopedistas, filho do grande movimento philosophico e scientifico do seu seculo, mas detesta os ideologos e os philosophos, que lhe pagam na mesma moeda. E o que succede tambem com a Revolução. Procurem na lista das victimas da guilhotina, e lá encontram os philosophos, os pensadores, os poetas, que fizeram a Revolução das idéas, e prepararam a Revolução dos factos. Malesherbes, Bailly, Condorcet, André Chénier, Lavoisier, os pensadores da Constituinte, os girondinos, esses philosophos da Convenção, todos cahem victimas do terrivel dictador revolucionario. Voltaire tem uma apotheose, porque já não existe; se vivesse, morreria na guilhotina, ouvindo os seus algozes a proclamarem as suas doutrinas, como Rouget de l'Isle tomou o caminho do exilio, ouvindo os que o perseguiam pelas montanhas do Jura cantar a sua *Marselheza*. Assim tambem o marquez de Pombal, longe de chamar para a côrte portugueza os encyclopedistas, affasta-os cuidadosamente; acceita a Arcadia, porque é um arruamento da poesia, a rua dos Capellistas e a rua dos Algibebes da litteratura.

A Encyclopedia pela sua parte detesta-o, e não o comprehende, como detestaria, como não comprehenderia a Revolução. E' necessario que decorra um seculo, que a critica historica tenha feito progressos enormes, para que se possa vêr a marcha triumphante da civilisação. Voltaire chama tyranno da idade media ao marquez de Pombal, Rousseau detesta Voltaire, Frederico II recolhe os jesuitas, Pombal expulsa-os, Catharina II acolhe Diderot, José II impõe a Roma uma concordata liberal, Carlos III, Florida Blanca e Tanucci, Luiz XVI Malesherbes e Turgot dão um impulso enorme á civilisação de Hespanha e de Napoles e de França, Lafayette combate pela republica na America, e pelo constitucionalismo na Europa, a Revolução proclama odio aos reis e os reis declaram guerra sem treguas á Revolução, e todos elles comtudo, todos esses vultos extraordinarios que se dilaceram, que se condemnam, que se odeiam, que se calumniam, a imperatriz autocratica da Moscovia, o rei philosopho da Prussia, o Cesar humanitario da Austria, Franklin o democrata e Florida-Blanca o fidalgo, Turgot o economista e Camille Desmoulins o pamphletario, Washington o espartano, e Lafayette o atheniense, o scintillante Voltaire e o melancolico Rousseau, Mirabeau a voz trovejante da liberdade, e o marquez de Pombal a expressão mais completa do despotismo, todos trabalham pela obra commum da nova civilisação, todos elles fazem luz, todos concorrem para esse immenso esplendor que illumina o mundo no fim do seculo XVIII. Assim ao longe, muito ao longe, nas profundidades do oceano, trava-se a bordo de uma fragata uma luta medonha. Troveja a fuzilaria, corre o sangue em ondas, e um incendio enorme lambe os mastros e as verga-